

## A MORTE DE UM SONHO E A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA IDENTIDADE EM *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAIAS CAMINHA* DE LIMA BARRETO.

Luziane de Sousa FEITOSA (Universidade Federal do Piauí)

**RESUMO:** considerada pela crítica uma obra que nasceu do ressentimento de seu autor face às injustiças que sofria, a obra *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909) tem como protagonista um rapaz bastante inteligente, honesto e ambicioso que possui todos os requisitos para ter sucesso na vida, menos um: cor. Ao fato de ser mulato ainda se acrescenta outro agravante: é pobre. Tais fatores evidenciam um importante aspecto, que contribui para a construção ideológica do ser enquanto alteridade, ou seja, a *fixidez*. Este é um conceito do discurso colonial que tem o estereótipo como principal estratégia. O presente trabalho parte do pressuposto de que a obra se divide em duas grandes partes, com base nas mudanças que se operaram em Isaías a partir do momento em que chega ao Rio de Janeiro e desiste de seus sonhos. São referência para este trabalho os teóricos Homi Bhabha, Stuart Hall, e, sobretudo Frantz Fanon.

**PALAVRAS-CHAVES:** Negro. Estereótipo. Identidade.

### 1 Introdução

Com o objetivo de firmar-se como escritor e, conseqüentemente, adentrar no seletor universo literário brasileiro, Lima Barreto destina, aos leitores e críticos, a obra *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909)<sup>1</sup>. Atitude audaciosa, pois é perceptível a sátira dirigida à imprensa, principal instância de consagração da época, o que ocorre por meio da narrativa de Isaías Caminha, um inteligente e audacioso mulato<sup>2</sup>, que decide estudar no Rio de Janeiro visando ser “doutor”, mas, vitimado pelo preconceito racial desiste deste sonho.

Nesse sentido, a partir do momento em que o negro se desloca para um espaço diferente daquele em que está inserido, surge a necessidade de auto-afirmação, pois, em contato com outras culturas ele toma consciência de que é tido como inferior. Sendo que a disparidade existente entre as raças é fortalecida pelos estereótipos que ao longo da história foram atribuídos aos negros, definindo-os como seres selvagens, inocentes, servís, e com uma sexualidade exacerbada. Em contrapartida, como indica Frantz Fanon (2008), o negro que permanece em seu ambiente de origem não precisa se autoafirmar diante do outro, isto porque, em princípio, são todos iguais.

Os estereótipos, assim como o encontro com outras culturas, são fatores que contribuem para as transformações ocorridas na mentalidade e na identidade do negro. A partir deste pressuposto, o presente trabalho objetiva realizar uma investigação acerca do personagem Isaías Caminha, partindo do princípio de que a obra pode ser dividida em duas grandes partes, baseadas nas constantes mudanças que se operam em seu “ser”, a partir do momento em que chega ao Rio de Janeiro e abdica de seus ideais.

De modo a fundamentar a proposta desse trabalho, tem-se como referência os teóricos Homi Bhabha, Stuart Hall e Frantz Fanon, pela relevância de seus estudos acerca da

---

<sup>1</sup> O prefácio da obra traz a data de 12 de julho de 1905, no entanto, seus três primeiros capítulos foram lançados na revista *Floreal* em 1907 e sua publicação em volume ocorreu somente em 1909.

<sup>2</sup> O termo mulato é um termo pejorativo que refere-se a animais, e no contexto social da época é atribuído a todos aqueles “não brancos”, filhos da miscigenação de brancos e negros.

identidade na modernidade, construção ideológica do negro enquanto alteridade, e a condição do negro diante do “mundo branco”.

Em virtude da relevância de *Isaias Caminha* para a sagração de Lima Barreto como escritor, num primeiro momento se destaca o contexto de publicação da obra, assim como algumas críticas que lhe foram feitas, tendo por referência a biografia autorizada de Lima Barreto escrita por Francisco de A. Barbosa.

## 2 O sofrimento causado pelo silêncio

Devido ao fato de *Recordações do escrívão Isaias Caminha* (1909) ter sido escolhida para a estreia literária de Lima Barreto, convém destacar o contexto de sua publicação, assim como os julgamentos feitos, por alguns críticos, a seu respeito. Desta forma, portanto, termina-se por evidenciar os motivos que contribuíram para o insucesso inicial da obra e consequentemente de seu autor.

Publicar e divulgar. Estes dois fatores eram decisivos para seu êxito, no entanto, Lima Barreto possivelmente tinha consciência de que dificilmente teria seu livro aceito por alguma editora, pois estas só publicavam obras de autores consagrados, abrindo exceção para estreantes, desde que apresentados por um intelectual ilustre. É provável que também soubesse que devido às severas críticas feitas à imprensa da época, sobretudo ao jornal *Correio da Manhã*, esta certamente não seria um veículo de divulgação para suas obras. Além do fato de ser um mulato, originário de uma família sem muito poder aquisitivo o que tinha um peso significativo.

Com a fundação da *Floreal* (1907), uma revista que se insurge contra os “mandarins da literatura”, houve a oportunidade de Lima Barreto, lançar os dois primeiros capítulos e metade do terceiro capítulo de *Recordações do escrívão Isaias Caminha*. No entanto, de acordo com Francisco de A. Barbosa, após seu quarto número, a revista desapareceu, juntamente com os sonhos do jovem escritor e seus colaboradores. Surgiu então a ideia de publicar seu livro em Portugal, procedimento bastante comum naquele período, escolhendo *Isaias Caminha* em detrimento de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919), que, na ocasião, também estava concluído. Para tanto, contou com a colaboração de um amigo que estava embarcando para Europa e se incumbiu de levar os originais da obra a um editor português que a publicou em 1909. Em uma carta endereçada a Gonzaga Duque o escritor explica qual seu objetivo ao escrever *Isaias Caminha*:

Viaja para Europa na mala do meu amigo Noronha Santos o meu livro que comecei a publicar na Floreal (...)Mande as *Recordações do escrívão Isaias Caminha*, um livro desigual, propositadamente mal feito, brutal por vezes, mas sincero sempre. Espero muito nele para escandalizar e desagradar. (BARRETO, apud. BARBOSA, 1952, p. 164)

No entanto, segundo Francisco Barbosa, o que Lima Barreto recebeu após a publicação de sua obra foi um severo silêncio, que parece tê-lo magoado mais que duras críticas. Assim, dentre os poucos comentários direcionados à obra, os de Alcides Maya e José Veríssimo, a condenavam principalmente por seu “excesso de personalismo” (1952, p.180). Lima Barreto também se revoltou com o fato de alguns críticos terem considerado a obra um romance “à clef”, pois esta designação dava conta de um gênero relativamente inferior no círculo literário. Apesar desses fatos, o romance foi bastante vendido o que agradou Lima Barreto.

O desejo de ser romancista, sem outras atividades além de escrever, foi um dos interesses manifestados por Lima Barreto. O mesmo não admitia a ideia de que um escritor tivesse que se curvar diante dos poderosos para obter êxito em seus projetos. O autor

acreditava que a literatura deveria se engajar nas causas sociais, motivo que o levou a denunciar, por meio de suas obras, as angústias dos negros de seu tempo.

### 3 Um propenso doutor abatido pelo preconceito racial.

*“O meu fim foi fazer ver que um rapaz nas condições de Isaías, com todas as disposições, pode falhar, não em virtude de suas qualidades intrínsecas, mas batido, esmagado, prensado pelo preconceito (...)”*

*Lima Barreto, em carta a Corinto da Fonseca, 1909.*

Considerado pela crítica um romance memorialista e de tese, *Recordações do escrivo Isaías Caminha*, é uma obra narrada em primeira pessoa, que além de possuir traços nitidamente autobiográficos, fornece indícios de como era a vida de um jovem negro, no período pós-abolição, em meio a uma sociedade elitista que tinha o “apadrinhamento” e a “bajulação” como alguns dos meios através dos quais um indivíduo poderia ascender socialmente.

A ansiedade de Isaías Caminha em ser “doutor” reflete um pouco do contexto social do início do século XX, no qual era evidente a supervalorização das titulações acadêmicas, assim como das funções assumidas pelos intelectuais. Isso se dava em virtude de séculos de escravidão no Brasil, o que, segundo Luciano Martins, se refletia “através da miséria e da submissão do povo, mas ainda sob as formas dos preconceitos raciais e do desprezo por todos os tipos de trabalho manual” (MARTINS, 1987, p. 72). O deslumbramento de Isaías com tal possibilidade é assim descrito:

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original de meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor. Nas dobras do pergaminho da carta traria a consideração de toda gente... Ah! Doutor! Doutor! Era mágico o título, tinha poderes e alcances múltiplos. (BARRETO, 2002, p.17)

No entanto, ao chegar ao Rio de Janeiro, Isaías se dá conta de que não é igual aos outros, era representante de um “grupo”: os mulatos, e, conseqüentemente, passou a interiorizar a ideia, cristalizada no inconsciente coletivo, de inferioridade dos negros em relação aos brancos. Nesse sentido, Frantz Fanon ressalta que o complexo de inferioridade do negro se dá após um duplo processo: “inicialmente econômico; em seguida pela interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade” (FANON, 2008, p.28). Na perspectiva defendida pelo teórico, o inconsciente coletivo, ao contrário do que teria proposto Jung, não seria uma herança transmitida biologicamente, ele é cultural e adquirido, englobando um conjunto de preconceitos, mitos, e atitudes de um determinado grupo.

Apesar de afirmar que suas considerações são válidas apenas para os negros antilhanos frente aos brancos europeus, torna-se possível observar a universalidade das considerações de Fanon, afinal, não é preciso fazer grandes esforços para se perceber os preconceitos raciais assimilados pelo inconsciente coletivo dos brasileiros, apesar de muitas vezes estarem camuflados. Nesse país, assim como na Europa, o *Mal* é representado pelo negro, o preto, concreta ou simbolicamente representa o lado ruim da personalidade e da vida. Aqui, a cor negra também remete ao “obsuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais, enegrecer a reputação de alguém” (FANON, 2008, p.160) enquanto o branco simboliza a paz, a esperança, e a alegria. Essa dicotomia entre brancos e negros é evidenciada na obra de Lima Barreto:

Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: “Oh! Fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo.” Ao mesmo tempo, um rapazola alourado reclamava o dele que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com

os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu minha indignação (BARRETO, 2002, p. 21)

Assim, após deixar seu meio cultural e familiar o negro “ao primeiro olhar branco, ele sente o peso da melanina”, como indica Fanon (2008, p. 133). Isso porque em toda sociedade há indivíduos encarregados de carregar a “culpa coletiva”, ou seja, suas pulsões, seus medos etc., por este motivo tendo a função de *bode expiatório*. Na sociedade branca, quem ocupa tal posto é o negro. A partir dessa perspectiva, o teórico adota a noção de *catharsis coletiva*, um conceito relacionado às estratégias e aos canais através dos quais a sociedade libera sua agressividade e energias acumuladas. É essa a função de determinados jogos, cantigas infantis e desenhos animados, destinados a crianças e jovens, que geralmente têm o *Mal* representado por personagens, ou seres negros, com os quais as crianças, mesmo as negras, jamais se identificam.

Desse modo, seria na infância que o racismo e a negrofobia começam a se instalar no imaginário social, por meio dos vários estereótipos atribuídos aos negros. Nesse sentido, Homi K. Bhabha enfatiza que o “estereótipo é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre *no lugar*, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido” (BHABHA, 2001, p.105).

Na ocasião em que foi preso por conta de um aparente roubo no prédio em que ocupava um quarto de aluguel, Isaías Caminha afirma inúmeras vezes ser estudante, mas em função de sua cor, o delegado, duvidando e em tom sarcástico, travou o seguinte diálogo com o suspeito:

- Qual sua profissão?
  - Estudante.
  - Estudante?!
  - Sim, senhor, estudante, repeti com firmeza.
  - Qual estudante que nada! ... Não há patife, tratante, malandro por aí que não se diga estudante ... Pensa que me embrulha...você o que é, é um gatuno.
- (BARRETO, 2002, p.58-59)

O discurso do delegado aponta alguns estereótipos, que devido à constância com que são dirigidos ao negro, seja através de palavras, ou do simples pensamento, são muito cruéis: - *Todo negro é ladrão*; - *O negro é analfabeto*; - *Para que estudar se os negros sempre ocuparam as posições menos intelectuais da sociedade*. O estereótipo, portanto, está em constante atualização, pois, como indica Bhabha, para o mesmo ter significação em determinada época, precisa se inserir em “uma cadeia constante e repetitiva de outros estereótipos” (BHABHA, 2001, p. 120), que se encontram  *mascarados*  por meio de metáforas e metonímias, cuja intensidade reforça a *fixidez* do discurso colonial:

Sempre as mesmas histórias sobre a animalidade do negro, a inescrutabilidade do cule ou a estupidez do irlandês têm de ser contadas (compulsivamente) repetidamente, e são gratificantes e aterrorizantes de modo diferente a cada vez (BHABHA, 2001, p. 120).

Não possuindo capital econômico, coube a Isaías Caminha tentar utilizar-se das relações sociais (familiares, contatos profissionais, etc.), na esperança de ascender socialmente. Desde o início da obra é perceptível a aposta feita nesse tipo de relação, pois, quando Isaías decidiu viajar seu tio Valentim pediu ao coronel da cidade que recomendasse o jovem ao doutor Castro, um político influente do Rio, para que o mesmo lhe arranjasse um emprego, o que não aconteceu, sendo este um dos motivos porque Isaías não teve a oportunidade de manter seus estudos e tornar-se doutor.

Assim, frente a uma única certeza - o preconceito que certamente Isaías sofreria - sua mãe, no momento da despedida, o aconselha a não se “mostrar muito...”. No entanto, a mesma não consegue completar a frase visto que as lágrimas inundavam seu rosto.

#### 4 A negação de si e a supervalorização do outro

*“Não; eu não tinha sabido arrancar da minha natureza o grande homem que desejara ser; abatera-me diante da sociedade; não soubera revelar-me com força, com vontade e grandeza... Sentia bem a desproporção entre o meu destino e meus primeiros desejos; mas ia”*

*Isaías Caminha.*

Foi por meio de um contato social, através de um jornalista de *O Globo*, que Isaías Caminha conseguiu um emprego de contínuo na redação do jornal, esse fato amenizou seus sofrimentos, e o levou a esquecer definitivamente seu sonho de ser “doutor”. Isaías, que a partir desse momento poderia investir em seus estudos, se acomodou, abandonou seus livros, sobretudo *O poder da vontade*, e não lia outra coisa a não ser jornal. Afinal, como afirma

Depois de acobardado, tornei-me superior e enervado e não tentei mais mudar de situação, julgando que não havia no Rio de Janeiro lugar mais digno para o genial aluno de Dona Ester que o de contínuo numa redação sagrada. Não estudei mais, não mais abri o livro. (BARRETO, 2002, p. 101)

Ao primeiro contato com o mundo dos jornalistas, composto por homens brancos e até mesmo estrangeiros, houve uma identificação imediata de Isaías com esse espaço. O que teria sua justificativa no fato de, nesse novo contexto, ser indispensável sua aceitação pelo “Outro”. De acordo com Fanon (2008), ao abordar o mundo do branco, o sentido da ação do negro passa a estar no “Outro” (o branco), pois somente este - o branco - pode dar o valor de que o negro necessita.

Compreender a adesão imediata de Isaías Caminha a esse novo universo também implica reconhecer a capacidade de adaptação que o homem possui. Isso porque sua identidade é mutável, sendo construída, não apenas por meio das relações de classe, relacionadas aos aspectos financeiros e econômicos, mas também em função dos fatores culturais, étnico-raciais, profissionais, dentre outros. Stuart Hall (2005, p. 13) destaca que no interior dos indivíduos “há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”.

Nessa perspectiva, as identidades não seriam estáveis, tampouco inatas, visto que, enquanto “construção sócio-cultural” sugere a adesão a determinados valores, comportamentos e hábitos do grupo em que por ventura esteja inserido. Tal como se refere Hall (2005), ao contrário de uma identidade unificada, o sujeito moderno possui identidades fragmentadas, fluidas e múltiplas.

Infelizmente, a aceitação do negro pelo “Outro” geralmente conduz a negação ou esquecimento de seus semelhantes, fazendo com que passe a desejar ser branco, pois, segundo Fanon (2008) quanto mais ele rejeita sua negritude mais branco se sente. Foi o que ocorreu com Isaías Caminha ao passar dos anos, ele, que no início sonhava com o dia no qual reveria sua família, acabou esquecendo-a completamente e nem mesmo a notícia da morte de sua mãe o abalou. Esse comportamento é justificado por Isaías da seguinte forma:

Os ditos de Floc, as pilherias de Losque, as sentenças do sábio Oliveira, tinham feito chegar a mim uma espécie de vergonha pelo meu nascimento, e esse vexame me veio diminuir em muito a amizade e a ternura com que sempre envolvi a sua lembrança. Conquanto não concordasse em ser ela a espécie de besta de carga e máquina de prazer que as sentenças daqueles idiotas a abrangiam em seu



pensamento de lorpas, entretanto, eu, seu filho, julgava-me a meus próprios olhos muito diverso dela, saído de outra estirpe, de outro sangue e de outra carne. (BARRETO, 2002, p. 141)

Sendo que a vergonha a que se refere está relacionada tanto ao fato de ter nascido mulato quanto o de ser filho de um “vigário de freguesia de\*\*\*”(2002, p. 15), como indica no início de suas recordações.

Ao adentrar no universo da imprensa, Isaías, aos poucos, passa a ter *disposição* para a atividade jornalística, o que ocorreu, visto que foi promovido a repórter. No entanto, tal promoção se deu, não pelo reconhecimento de suas habilidades intelectuais, mas por meio de bajulação e cumplicidade com “os grandes”, sobretudo após ter flagrado o diretor e proprietário do jornal, Ricardo Loberant, e outros colaboradores da redação, em plena orgia com várias mulheres.

Foi a partir desse momento que se deu o início da amizade entre Isaías e o diretor do jornal, para quem, o mais novo repórter de *O globo*, teve a oportunidade de relatar sua vida. No entanto, Isaías não contava com o espanto de Ricardo, quando este é informado de que o jovem nascera em um ambiente familiar, que lhe proporcionara a oportunidade de estudar: “o que me parecia extraordinário nas minhas aventuras, ele achava natural; mas ter eu mãe que me ensinasse a comer com garfo e faca, isso era excepcional” (LIMA, 2002, p. 166).

Essa admiração do branco frente ao fato de o negro possuir uma família e ser educado prova o quanto os estereótipos, relativos à selvageria e falta de educação do mesmo, estão cristalizados na mente da sociedade, muitas vezes fazendo com que o negro negue a si e seus semelhantes e tente adotar uma nova identidade “branca”.

## 5 Considerações finais

Enquanto a maioria dos escritores contemporâneos de Lima Barreto buscou, através de suas obras, agradar, sob o risco de não serem reconhecidos pelo universo literário, o escritor provou, com a publicação de *Isaías Caminha*, que seu objetivo era escandalizar. Pensou que após receber todas as críticas possíveis, seria reconhecido por suas habilidades de romancista, sendo lançado no meio literário. No entanto, a sua punição, por tamanha audácia, se deu por meio do silêncio.

O romance possui aspectos em comum com a vida de Lima Barreto, assim como apresenta personagens que, segundo a crítica literária, podiam ser claramente relacionados a personalidades do jornalismo carioca do início do século XX, uma constatação feita por vários críticos. Porém, não tendo sido o objetivo deste trabalho relacionar a vida dos jornalistas, assim como do autor, a dos personagens, apenas faz-se referência a tal similaridade.

É possível observar que a obra se divide em duas grandes partes, sendo que a primeira enfatiza o preconceito racial sofrido pelos negros e mulatos num período pós-abolição e uma segunda, na qual Lima Barreto apresenta uma “caricatura” da imprensa do período, narrando os bastidores de um grande jornal da época.

A partir do exposto, é possível concluir que as duas grandes temáticas da obra coincidem com as mudanças que se operam na identidade de Isaías Caminha após chegar ao Rio de Janeiro, pois, num primeiro momento, foi alvo de preconceitos, que foram interiorizados, e acabaram levando-o a acreditar na impossibilidade de ser “doutor”. E, posteriormente, observa-se que a acomodação tomou conta de Isaías, que inserido no ilustre universo da imprensa passou a negar suas origens e sua raça, com o objetivo de ser aceito pelo novo grupo.

## Referências

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**; Trad. Myriam Ávila e outros. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- BARBOSA, F. de A. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Coleção documentos Brasileiros. Rio de Janeiro: José Olympio:1952.
- BARRETO, Lima. *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*. Apresentação Francisco de Assis Garcia. São Paulo: ABC editora, 2002.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- MARTINS, Lucino. A gênese de uma intelligentsia: os intelectuais e a política no Brasil, 1920-1940. *Revista brasileira de ciências sociais*. Bauru, v.2, n.4, p. 65-87, jun. 1987.